
História da televisão no Rio Grande do Sul **- apontamentos sobre a invenção do passado**

Suzana Kilpp

A presente reflexão teve início no momento em que me dispus a escrever apontamentos para uma história da televisão no Rio Grande do Sul, e efetivei as primeiras aproximações com as fontes disponíveis. A partir daí, em algumas ocasiões, tive oportunidade de falar em voz alta para diferentes platéias a respeito do que estava encontrando, e para minha surpresa houve atitudes reativas de tal ordem que aguçaram minha já grande inquietação sobre certos temas. Aqui, vou tratar de um deles: a invenção do presente e a invenção do passado.

É uma abordagem talvez um pouco teórica, mas parte de uma observação empírica da qual não quero me descolar, e que é a pesquisa que estou realizando. Por isso, muito rapidamente, preciso dizer um pouco sobre o cenário em que me movimento.

As fontes da história

No momento em que postulei pesquisar a história da televisão no Rio Grande do Sul (delimitada inicialmente entre 1959 e 1972, e depois estendida até onde necessário para jogar alguma luz sobre o que parecia ter sido enterrado quando se transmitiu a primeira imagem a cores), constatee e referi a incipiente produção bibliográfica existente e me dispus a contribuir para dimensionar e preencher um pouco dessa lacuna aproveitando que

ainda existem narradores vivos, isto é, ainda é possível reaver uma parte da memória dos que até aqui foram excluídos da história em questão.

Imaginava que haveria um universo de fontes documentais a ser desbravado, mesmo e apesar de se encontrar disperso e em locais apenas suspeitados (nas empresas, no Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, nas universidades). Pretendia registrar uma memória recente que pudesse depois servir para a pesquisa histórica, e talvez formular algumas hipóteses e propor alguns temas de pesquisa.

Entretanto, após um ano, constato que a recuperação da memória da TV no RS passa pela quase inexistência de fontes disponíveis. Incêndios em prédios e instalações, descaso com a guarda e restauração, resistências à revisão histórica, personalismos e sonegação de informações são algumas razões que tornaram indisponíveis fontes (principalmente documentais, tratadas ou com exagerada displicência ou como pedra preciosa e exclusiva) que foram produzidas, corte às vezes fortuito, às vezes passível de análise mais crítica.

Além disso, particularmente a fonte *imagem* de TV é rara no período observado. As primeiras emissoras, a Piratini, Gaúcha e Difusora, são de 1959, 1962 e 1969, e as imagens que produziram no início não foram gravadas. Já as imagens pré-gravadas que colocaram no ar, especialmente nos telejornais e produzidas por cinegrafistas em bitolas e sistemas diferentes dos hoje utilizados, não foram acervadas ou adequadamente acervadas, e nem são a *imagem da TV* (ou do telejornal como ele apareceu no vídeo), mas uma parte dela. E o registro de ambientes e cenários foi feito muito pouco em fotografias, o que teria sido uma alternativa à falta de imagens em movimento.

Resulta que as fontes orais, os jornais e as revistas acabam sendo as fontes mais abundantemente disponíveis. O que não é nenhuma tragédia, nem o é o fato de as pessoas guardarem em suas casas documentos que poderiam estar em museus. Entretanto, considerando que os depoimentos orais de qualquer forma precisam ser confrontados com

fontes escritas, uma vez que freqüentemente a memória oral escorrega em situações faturalmente imprecisas (além dos outros motivos que tornam a fonte oral preciosa MAS escorregadia); e ainda que no Rio Grande do Sul existem no período (e não em todo) apenas poucas revistas (Revista do Globo, TV Sul e Revista Intervalo); o jornal voltou, portanto, ao centro do passado. Isto é, algumas informações para a minha pesquisa teriam de ser buscadas nos jornais, pois eles são, nesses casos, os únicos *narradores presentes* aos fatos e que poderiam dar testemunho deles.

O jornal como fonte

Inúmeras vezes o historiador se depara com a perspectiva de ter de buscar nos jornais do passado as provas de que as coisas se passaram de determinado modo no presente de então. Registrando diariamente as *atualidades*, cobrindo um considerável espectro noticioso com imparcialidade e objetividade, o jornal aparece diante do historiador como a grande e central fonte, aquela que provará suas hipóteses e teorias datando os fatos e acontecimentos que fizeram a história. É central, portanto, a posição ocupada pelo jornal no *passado*, justamente pela posição central que ocupou no *presente* de ontem.

Como tantos historiadores, comecei a apropriar-me dos jornais do Rio Grande do Sul como fonte. Ainda não finalizei o levantamento e a análise dos jornais, mas logo no começo pensei ter me enganado completamente, e que o jornal não era uma fonte importante, pois a TV parecia ser tratada com certo descaso.

Regularmente são três as ocasiões em que os jornais falavam de televisão: 1. diariamente, divulgando e comentando a programação dos canais; 2. quando surgiu ou desapareceu uma emissora, ou foi introduzida uma nova tecnologia; 3. quando se comemorou um determinado número de anos de uma emissora, transformando-se o jornal nesse caso também em memória, porque em geral a notícia remeteu a uma retrospectiva, baseada em notícias anteriores e/ou em depoimentos de narradores presentes.

Disciplinadamente, porém, voltei a aplicar o método: talvez o jornal não fosse uma fonte importante, mas o que significaria naquele momento o *dito* e o *não dito*, isto é, palavra e silêncio, nos *cacos* produzidos e apropriados *desigualmente* pela humanidade ?

Tendo assistido a uma parte desse passado recente, e estudando com meus alunos a história da comunicação no Rio Grande do Sul, *lembrava e tinha conhecimento* de fatos e acontecimentos que não encontrei referidos nas atualidades, quer dizer, deparei-me com o não dito, com aqueles cacos que não foram apropriados pelo jornal. Portanto, inserindo a fonte em seu contexto, e confrontando-a com outras, abriram-se novas possibilidades de análise e reconhecimento, estas, aliás, muito interessantes.

Provavelmente esse será um viés a ser examinado com cuidado até o final da pesquisa, até porque passam por ele duas questões, fundamentais no meu entender, para o historiador da comunicação.

Televisão, jornal e atualidades

Vou me deter um pouco nessas duas questões: 1. a fugacidade do objeto televisão, e 2. as complicadas relações estabelecidas entre os dois veículos (televisão e jornal) no contexto da emergente indústria cultural.

No primeiro caso, não estou me referindo apenas ao fato de a TV ser um meio de *transmissão* pelo qual correm imagens e mensagens, e que hoje podem ser fixadas no suporte videotape, mas a uma série de características próprias do meio, sua técnica e linguagem (ou poética). Nesse sentido, qualquer fonte que não seja a própria TV, é insuficiente, incapaz de tornar presente o fenômeno de ontem, e ela mesma, a TV, para poder efetuar tal aproximação, requer outras fontes ou informações que ajudem a interpretar o passado.

No segundo caso, a fragilidade do jornal como fonte está mais relacionada

ao fato dele ser parte da história, narrador presente e envolvido no processo em que a empresa familiar foi suplantada historicamente pela empresa capitalista moderna, ou profissional. Essa fase do desenvolvimento do capitalismo torna-se visível no Rio Grande do Sul no início da década de 80 pela relação que os veículos passam a ter entre si dentro de cada empresa, de empresa para empresa e do conjunto no mercado regional e nacional. O surgimento da TV em 1959 não significou apenas um novo meio: ela veio na esteira da mundialização da economia iniciada a partir da II Grande Guerra, situação na qual aperfeiçoam-se e generalizam-se rapidamente as técnicas da comunicação reproduzível e configura-se mais claramente a indústria cultural.

Nesse ínterim mudaram as posições até então ocupadas pelos meios de massa e, num mercado cada vez mais competitivo, as empresas tiveram de adequar-se aos novos tempos. Na empresa de comunicação o jornal perdeu espaço para o rádio, primeiro. Depois, a TV abocanhou a maior fatia desse espaço, e se estendeu para novos, passando a ser a ponta da indústria cultural. Se havia uma tendência a valorizar o caráter político, o educativo-cultural ou o informativo dos meios jornalísticos, numa trajetória eufórica - e deprimente ao mesmo tempo, hoje ninguém mais tem dúvidas sobre o caráter de entretenimento - e publicitário, da comunicação, inserida na indústria cultural a vender bens materiais e simbólicos a um mercado que os deseja avidamente, construção pela qual a TV é a maior responsável. Comunicação é um negócio, e seduzir audiências e leitores é parte fundamental das estratégias empresariais para angariar consideráveis verbas publicitárias.

Como tal, nos mercados próprios dos veículos (jornal, revista, rádio, televisão) houve uma acentuada concentração monopolista, estruturada em redes multimídia. No Rio Grande do Sul, desapareceram as duas maiores empresas da fase anterior (Caldas Júnior e Diários e Emissoras Associadas), consolidando-se hegemonicamente a RBS, a única perfeitamente inserida nesse mercado.

Na passagem da fase anterior para a atual, dá para intuir - mesmo sem que se detalhe o processo, do qual ainda participaram outros agentes importantes (jornais, emissoras

de rádio e TV, grupos e empresas que não conseguiram entrar ou manter-se no mercado), o terreno delicado pisado pelos jornais. Ainda que polissêmicos, muito pouco da história da TV no Rio Grande do Sul pode ser escrita por eles: primeiro, a TV era uma *aventura* e um empreendimento pouco sério para a seriedade do jornalismo *politizado* do Rio Grande do Sul. Depois, a comunicação no estado virou uma disputa estranha, em territórios desconhecidos em relação ao conhecido antigo mercado regional, e que não era mais sequer regional, e pisava-se em ovos e não se escrevia sobre o veículo da outra empresa, e sobre o da própria empresa não se podia fazer nada a não ser propagandear. Por fim, num período de transição, de refuncionalização dos meios, como saber o quê, no que diz respeito à TV, é notícia, ou informação jornalística?

Assim, é menos raro encontrar matérias sobre a TV Piratini no jornal da empresa Diários e Emissoras Associadas, o *Diário de Notícias*, do que em outros jornais. O *Diário* foi inclusive o único a escrever sobre a instalação da TV no Brasil, empreendimento isolado de Assis Chateaubriand, em 1950. A TV Gaúcha só vai ter a apoiá-la diretamente a *Zero Hora* cinco anos depois de ter ido ao ar (apesar de uma certa cumplicidade já pré-existir por conta provavelmente de divergências políticas do jornal com as Associadas e do que estou supondo terem sido matérias pagas). A TV Difusora não teve um jornal próprio para reter sua fugacidade, mas a Caldas Júnior (através do *Correio do Povo* e *Folha da Tarde*) deveria preferir cobri-la a cobrir as emissoras de seus concorrentes, embora em certas épocas o *Correio* dispunha de largo espaço publicitário para empresas ligadas à televisão. Ela mesma, porém, só viria a ter o seu canal anos mais tarde. De outro lado, nenhum jornal podia mais ignorar a sedução da TV sobre seus leitores, e seria inútil e contraproducente não veicular a programação das emissoras.

Essas questões, no entanto, me parecem inevitáveis, e não são privilégio da relação entre jornais e TVs ou entre os jornais e outras áreas da atividade humana das quais o jornalismo vem se nutrindo para produzir suas *atualidades*. A polissemia e a ética, embora sejam temas que também me fascinam, não são objeto desta análise.

O problema, aqui, está no fato de a pesquisa haver remetido ao jornal como fonte alternativa à insuficiência de outras fontes, ou mesmo como fonte complementar, e no fato de necessariamente ter de ser feita a crítica interna e externa da fonte, momento em que a fonte é lida pelo dito e pelo não dito, pelo que revela e pelo que esconde, circunstância facilmente detectada quando se pousa o olhar no passado recente.

História e jornalismo

A alguns meses, interagindo com estudantes e profissionais de jornalismo e de história num curso que dei sobre metodologia da pesquisa, percebi que vários problemas que a fonte acarreta resultam da pouca interação entre historiadores e jornalistas, que ainda se olham com desconfiança, ou, como já disse, com descaso. Pois assim como o historiador inexperiente vai ao jornal ou à revista buscar *uma voz*, transparente e inequívoca, da atualidade de ontem, freqüentemente o jornalista vai a uma fonte histórica presentificar o passado desavisadamente sobre o que o passado é, ou sobre o que uma fonte significa.

Não estou sequer tangenciando a questão da objetividade, ou da subjetividade, que levaria a que se aprofundasse muito mais o tema do narrador. Quero me manter colada à questão da fonte e do método de pesquisa, e dos modos como o presente, ou sua invenção, atua sobre o passado, ou sua invenção, e vice-versa. Estou convencida que muitos historiadores desconhecem os meandros da produção das atualidades, ontem e hoje, e vejo que se faz crítica muito rapidamente, com muito pouca análise. Quando é seguido o método com relativo rigor, muitas vezes resulta uma análise desconectada do universo comunicacional a ponto de não se completar a relação com o leitor que é, em tempos e locais da nossa indústria cultural, um engajado das atualidades, seu tom, linguagem e abrangência.

Estou convencida também que muitos jornalistas têm pressa, tanta que jamais alcançarão o que procuram. O passado (mesmo o de duas horas atrás), ou uma história, até podem ser escritos na velocidade da máquina, mas não apropriados, muito menos explicados (informação que contêm) nessa velocidade. O fato, tanto para o jornalista quanto

para o historiador, precisa ser cercado, aprisionado, significado. Para ambos, as fontes são as provas, o modo de tornar presente o ausente. E cada um lida com elas de modo peculiar (porque inevitável), mas, ao meu ver, caindo muito seguidamente em suas armadilhas.

Então, voltando ao começo: o *passado* - e agora já é possível dizer também o *presente*, são apropriados de modo desigual por historiadores e por jornalistas, através dos cacos (os restos e marcas, retidos pelas fontes) que a humanidade produz desigualmente. É preciso não apenas encontrá-los e dar-lhes significância, adotando certos procedimentos que controlem nossa tendência demasiadamente humana ou demasiadamente maquínica de colorir o mundo. É também necessário *situá-los*, pois em última análise são, como nós, vozes de narradores presentes e ausentes, situados, fazendo história - a vida real. E o jornalismo (de jornal, de rádio ou de TV) está *inventando o presente*, à semelhança como descrevemos a invenção do passado, até porque não poderia ser diferente.

E a história, afinal, quem faz ?

Observando como se escreveu a história e a notícia da televisão no Rio Grande do Sul até hoje, percebo como uma engendra a outra ressoando em ondas de silêncios e ruídos. Os ecos que ouço, exatamente como ecos que distorcem o som original, alertam sobre os perigos de passados e presentes assim reinventados, e reclamam por uma inadiável aproximação entre essas áreas.

Os procedimentos metodológicos pelos quais tal *modus* vem sendo cristalizado por historiadores e jornalistas precisariam ser melhor examinados pela academia no âmbito de sua atuação - a pesquisa, a interdisciplinaridade, a análise, a interlocução polifônica com os diferentes atores desse cenário.

Do lado dos meios de comunicação, para além das questões da ética, e muito mais que no tempo de escribas e novidadeiros, precisaria que se refletisse sobre a *história que dizem fazer*. Mesmo que seja apenas um clichê, e mesmo que seja meramente uma operação

significante ao nível do imaginário - o que não é pouco!, seria interessante investigar a consistência do argumento num amplo diálogo entre a História e as Ciências da Comunicação, no qual fossem repassadas, uma a uma, as questões aqui enfocadas. E tantas outras. À primeira vista, é um simulacro, uma manifestação arrogante de quem vive seu momento de glória entre os poderosos de seu tempo, e que o futuro desmistificará.

Ainda assim, é parte da memória que está sendo produzida hoje pelas atualidades, e que incautos historiadores talvez legitimem amanhã.